

DESENVOLVIMENTO LATINO-AMERICANO E AÇÃO CULTURAL DO MUSEUS

Regina Márcia Moura TAVARES

Centro de Cultura e Arte - PUCCAMP

Se partirmos da ótica de Celso Furtado que vê o desenvolvimento das sociedades como ***um processo criativo de invenção da história*** pelos homens, como a ascensão desses mesmos homens, enquanto indivíduos, coletividades, na escala de realização de suas próprias potencialidades, teremos dificuldade em evidenciar o grau de desenvolvimento em que se encontram, hoje, as nações latino-americanas, pelo simples fato de que circunstâncias histórico-sociais impediram-nas de ensejar uma proposta mais livre da criação cultural.

A história evolutiva de cada povo se consubstancia em sua existência criativa face aos desafios permanentes que se lhe impõem a adaptação ao habitat e ao meio social.

As sociedades dependentes nunca podem alçar grandes vôos na área da criatividade conseqüente* porque adquiriram o hábito de internalizar valores criados fora delas mesmas, transformando-se sob a pressão de fatores exógenos "que reproduzem mimeticamente padrões de comportamento

(*) Criatividade conseqüente - Aquela que tem como referencial a herança cultural da população e é dirigida à expansão das potencialidades do indivíduo e da coletividade.

surgidos em outros contextos culturais e muitas vezes sem correspondência com suas bases materiais^{11**}.

A América Latina não foge a essa regra. Daí, insistirmos no fato de não só não podemos aquilatar o grau de desenvolvimento dos países latino-americanos mas de que, simplesmente, ele não existe conforme o entendemos; de que precisa ser inventado o seu modelo, por nós mesmos, sem xenofobia, sem a visão distorcida de um mundo em permanente comunicação mas com criatividade, com a noção clara de que a relação entre a arte e a cultura latino-americanas precisa ser revista, o viés histórico evidenciado, a nova trajetória descoberta.

Se pensarmos no artista enquanto aquele ser que contempla a realidade que o cerca, recria-a dentro de si e oferece sua criação à sociedade como alternativa possível de existência em forma de sons, de cores, de palavras, de formas, de técnicas compreenderemos, de imediato, que esse Homem especial está em todos os homens e que podemos, ou não, oferecer condições para que tal gênio se manifeste dentro de uma sociedade.

Se atentarmos para a atitude desassombrada como às colônias e, agora, aos dependentes se vêm impondo secularmente valores estéticos, morais, tecnológicos alienígenas e constataremos a maneira, exclusivamente retórica, com que os mesmos vêm reagindo à avalanche cultural, inclusive, pelo modo de ensino alienante e alienador que vimos praticando desde os colégios jesuíticos, concluiremos que num contexto dessa natureza resta pouca alternativa ao Homem Criador; ou seja, a realidade apreendida percebida e internalizada não é nunca a real e, portanto, o produto de sua criatividade, dificilmente leva à solução dos desafios que lhe são propostos na fazer histórico. (Considera-se aqui o fato do homem participar de uma teia de relações simbólicas e sua leitura da realidade estar sempre mediada por essa malha interpretativa).

(**) Celso Furtado - Cultura e Desenvolvimento em época de Crise, ed.

Constata-se, portanto, dessa forma um falseamento na relação entre a arte e a cultura; ou seja, a primeira não pode oferecer condições básicas ao desenvolvimento da segunda, pelo simples fato de ser estranha à realidade circundante e, portanto, espúria no contexto cultural emergente.

Há que se pensar com urgência, em profundidade, essa relação se quisermos como intelectuais e agentes culturais realizar uma intervenção social não mutiladora capaz de criar espaços e forças para que ocorra efetivamente o desenvolvimento dos povos latino-americanos.

Gregório Recondo diz que “há uma maneira de ser ocidental”, apesar das diferenças nacionais e se houver uma integração política continental, nesse momento de reequilíbrio de forças a nível mundial, a cultura deverá ser o elemento aglutinador e de coesão espiritual entre nossos povos.

Não é mais aceitável a manutenção de pretensões classistas embutidas nos conceitos de erudito e popular, deformando toda a reflexão e o aproveitamento do produto final do ato criador por parte de uma população alienada de seu próprio modo particular de estar no mundo. Todo o desenvolvimento dos países do 3º mundo estará comprometido se uma revisão conceitual não se fizer de maneira a corrigir o curso perversamente orientado, do processo cultural. A realidade dos países latino-americanos malgrado a influência étnica de grupos europeus é algo flagrantemente diferente daquela de outros países em outros continentes; é algo particular que se modela no fazer cotidiano das populações e, por isso mesmo, depende da ação criadora de quem com ela se afirma e nela se justifica.

Embora se reconheça que a identidade nacional é sempre um processo de construção que se fundamenta numa interpretação, supõe-se ser possível um envolvimento progressivo, e cada vez mais real, do povo na condução dessa mesma construção. Ou melhor dizendo, acredita-se poder expandir os limites da intelectualidade responsável pelo deslocamento das manifestações culturais de sua esfera particular

e a articulação das mesmas com uma totalidade que as transcende.

Os Museus Críticos, a Comunicação e a possibilidade de um Novo Tempo

Os museus, tradicionalmente espaços dedicados à preservação da memória social através do artefato, têm contribuído, principalmente os de história e de arte, para a perpetuação desse equívoco que realiza o homem comum latino-americano na percepção de seu entorno. Nos grandes museus nacionais, os de "1ª categoria", o que se mostra permanentemente a um grupo curioso de crianças em idade escolar, ou mesmo a adultos sequiosos de informações sobre sua gente, sua história, são coleções de objetos os quais, quase que exclusivamente, garantem a preservação do ideário de uma burguesia européia, assumido nas Américas por quem se julgou importante e responsável pela condução das sociedades locais. Não só os artefatos comunicam a história oficial, mas a proposta museográfica não estimula a visão crítica do processo histórico e artístico.

Necessário se faz trabalhar para uma nova proposta museal na América Latina capaz de resgatar o sentido da participação do homem local na condução de seu próprio destino. Experiências interessantes estão sendo feitas pelos museus de comunidade, os ecomuseus, os museus de rua e creio que, a longo prazo, sensibilizarão os grandes museus.

E, por quê coloco o trabalho dos museus como um dos eixos de sustentação importantes para a concretização de uma nova ordem econômica e social na América Latina?

Simplemente, pelo fato de ver a riqueza comunicativa contida no artefato bi e tridimensional das coleções museológicas, dentro do universo imagético em que vivemos nessa virada de século.

Dependendo da maneira como utilizarmos os produtos da criação humana num espaço de comunicação, como o são

os museus, seremos capazes de comunicar mais facilmente às novas gerações emoções, pensamentos e opções que homens de outros momentos históricos tiveram e fizeram diante dos desafios existenciais, levando-as ao questionamento dos próprios resultados obtidos.

É preciso compreender que os preciosos acervos culturais que aí estão podem e devem ser reutilizados dentro de uma nova proposta de resgate de identidade latino-americana e, por inclusão, brasileira.

A arte, enquanto exercício da criatividade humana no fazer histórico de cada grupo social, associada à estimulação sensorial do homem contemporâneo trazida pelas novas tecnologias de comunicação pode deflagrar uma nova consciência de ser do homem das Américas, diferente do que lhe foi ideologicamente passado até hoje.

Os modelos dos museus europeus e norte-americanos não nos servem. O museu latino-americano deve vir a fazer parte de atos dramáticos coletivos, onde seja sempre o ator que inicia a narrativa, que interage com a platéia e conduz o expectador a uma percepção de si mesmo, de sua história, de suas chances de sobrevivência. Isto porque, vivemos um momento da evolução humana na qual estamos sempre diante de conjuntos globais multifacetados e excitantes e nossa percepção da realidade de há muito se distanciou da linearidade; ou seja, percebemos as coisas e as conhecemos cada vez melhor, na medida em que estejam articuladas umas com as outras, todas igualmente importantes e destacadas no mesmo contexto.

O museu, local das musas criadoras do real, se articulado com outras áreas da criatividade humana do presente fabricará o futuro; se isolado, cairá no olvido das populações.

Edgar Morin questiona o modelo da ciência clássica e fala num povo paradigma que inclua a idéia da desordem, se quisermos compreender melhor o Cosmos, a Vida e o Homem.

Por que não ousamos romper com o modelo vigente, e sem preconceitos ou modéstia, buscamos o muitas vezes, ainda não pensado, sobretudo nós eternos escravos da modelagem alienígena? Por que não tentamos romper com a perversão contida na relação historicamente sedimentada entre a arte e a cultura no continente latino-americano? Somente assim poderemos vir a ser agentes de nossa própria história.

E a empreitada não é tão árdua assim! Basta começarmos a ordenar diferentemente os artefatos museológicos e olharmos o museu enquanto um espaço privilegiado de comunicação no mundo contemporâneo. Um novo tempo poderá começar por aí.

Nossa juventude está cada vez mais bombardeada pela indústria cultural, nossa educação formal está "demodée" por não conseguir ver com clareza as profundas mudanças que os meios de comunicação de massa acarretaram na estrutura das sociedades e percepção que o Homo Sapiens tem de seu entorno. Criemos espaços culturais alternativos, informais, onde a informação, a criação e o prazer possam estar associados, onde cada criança, jovem e adulto possa ser ao mesmo tempo o passivo, o ativo da ação cultural absorvendo, dinamizando e reinventando a cultura de seu tempo, através do uso não só de sua mente, mas do envolvimento de seu corpo moreno, de seu prazer incontido de estar vivo e com todos nessa terra do sol.